

VENCEDOR DO GLASS KEY AWARD
MELHOR POLICIAL NÓRDICO DO ANO

O DIÁRIO DO MEU
DESAPARECIMENTO

CAMILLA
GREBE

TOP
SEL
LER

«O noir nórdico no seu melhor.»

Booklist

ORMBERG

Outubro de 2009

Malin

Agarrei na mão do Kenny com firmeza enquanto caminhávamos pela escuridão e pelos bosques. Não que acreditasse em fantasmas. Acreditar em fantasmas é para parvos. É para pessoas como a mãe do Kenny, que passava os dias em frente à televisão a ver programas idiotas com supostos videntes a vasculharem casas antigas em busca de espíritos que não existiam.

Ainda assim...

A verdade era que quase toda a gente que eu conhecia tinha ouvido o choro de um bebé perto do moledro — um lamento prolongado e triste. Chamavam-lhe a Criança Fantasma, e mesmo não acreditando em espíritos e disparates semelhantes, não valia a pena correr o risco. Por isso, nunca tinha saído sozinha depois de anoitecer.

Olhei para as copas afiladas dos abetos. As árvores eram tão altas que quase ocultavam o céu e a Lua resplandecente, redonda e alva. O Kenny puxava-me pela mão. Ouvia as garrafas de cerveja a bater dentro do saco de plástico e sentia o cheiro do seu cigarro, do solo húmido e das folhas apodrecidas. Mais atrás, a poucos metros de nós, o Anders arrastava-se pesadamente pela vegetação rasteira, assobiando uma canção que reconheci da rádio.

— Anda, Malin.

O Kenny puxou-me pela mão.

— O que foi?

— És mais lenta do que a minha mãe. Já estás bêbeda?

A comparação era injusta: a mãe do Kenny pesava uns 180 quilos, e nunca a tinha visto a fazer mais do que o caminho entre o sofá e a casa de banho. E mesmo assim ficava sem fôlego.

— Cala-te — disse-lhe, à espera de que o Kenny percebesse que estava a brincar e que dizia aquilo com amor e respeito.

Só estávamos juntos há duas semanas. Além da inevitável e desajeitada sessão de enrolanço na sua cama, que cheirava a cães, tínhamos dedicado o nosso tempo a estabelecer os nossos respetivos papéis. Ele: dominante, engraçado (por vezes, às minhas custas), e amiúde assolado por uma melancolia precoce e egocêntrica. Eu: embevecida, maleável (por norma, às minhas custas) e abnegadamente solidária quando ele estava deprimido.

O amor que sentia pelo Kenny era tão intenso, irrefletido e, claro, físico, que às vezes me deixava completamente exausta. Mesmo assim, queria estar sempre ao seu lado, como se tivesse medo de que ele se transformasse num sonho, no fruto da imaginação que o meu coração adolescente tanto desejara que tinha acabado por se materializar.

Os pinheiros à nossa volta pareciam antigos. Havia almofadas de musgo macias espalhadas junto às suas raízes e barbelas cinzentas de líquenes que cresciam nos ramos grossos, mais próximos do chão.

Ao longe, ouviu-se o estalar de um galho.

— O que foi aquilo? — perguntei, porventura de forma demasiado estridente.

— É a Criança Fantasma — respondeu o Anders numa voz dramática, atrás de mim. — Veio *buscaaar-te* — uivou.

— Caraças, pá, não a assustes! — silvou o Kenny, tomado por uma súbita e inesperada vontade de me proteger.

Ri-me, tropecei numa raiz e quase perdi o equilíbrio, mas a mão quente do Kenny estava lá na escuridão. As garrafas no saco

fizeram um som abafado quando ele deslocou o peso de um pé para o outro para me apoiar.

Aquele gesto aqueceu-me por dentro.

Naquela parte da floresta, as árvores eram em menor número, como se se tivessem desviado do caminho para darem lugar à pequena clareira onde se erguiam as pedras do moledro. O monte de pedras assemelhava-se a uma enorme baleia encalhada ao luar, coberta por uma densa camada de musgo e por pequenos fetos que balançavam suavemente ao sabor da brisa.

Para lá da clareira, a silhueta escura da montanha Orm erguia-se em direção ao céu noturno.

— Que chatice! — exclamei. — Porque não fomos antes beber uma cerveja a casa de alguém? Temos mesmo de nos sentar no bosque? Está um frio de rachar.

— Eu aqueço-te — retrucou o Kenny, com um sorriso.

Puxou-me tanto para si que senti o cheiro da cerveja e do tabaco no seu hálito. Quase lhe virei a cara, mas deixei-me estar parada e fixei o seu olhar porque era isso que ele queria.

O Anders limitou-se a assobiar. Sentou-se numa grande pedra redonda e tirou uma cerveja do saco. Em seguida, acendeu um cigarro e disse:

— Pensei que querias ouvir a Criança Fantasma.

— Os fantasmas não existem — respondi-lhe, enquanto me sentava numa pedra mais pequena. — Só os idiotas é que acreditam em fantasmas.

— Metade da população de Ormberg acredita na Criança Fantasma — contrapôs ele, antes de abrir a cerveja e dar um gole.

— Mais me ajudas — respondi.

O Anders riu-se do meu comentário, mas o Kenny não me ouviu. Raramente ouvia o que eu dizia. Sentou-se ao meu lado e passou-me a mão pelo rabo. Enfiou um polegar gelado dentro da cintura das minhas calças e chegou-me o cigarro à boca. Obedeci e dei uma passa, inclinei a cabeça para trás e olhei para a lua cheia enquanto expelia o fumo. Todos os sons da floresta pareciam

mais audíveis: a brisa que fazia restolhar os fetos, os estalidos abafados, como se milhares de dedos invisíveis estivessem a ser arrastados pelo chão, o piar fantasmagórico de uma ave algures à distância.

O Kenny passou-me uma cerveja.

Bebi um gole do líquido frio e amargo e olhei para a escuridão por entre os pinheiros. Se estivesse alguém escondido atrás do tronco de uma árvore, nunca o veríamos. Seria muito fácil aproximarem-se de nós à socapa na clareira; era tão fácil como matar veados numa jaula ou apanhar peixinhos dourados num aquário.

Mas porque havia alguém de fazer tal coisa, em Ormberg?

Nunca aconteceu nada de especial aqui. É por isso que as pessoas inventam histórias de fantasmas, para não morrerem de tédio.

O Kenny arrotou em silêncio e abriu outra cerveja. Depois, virou-se para mim e beijou-me. A sua língua estava fria e sabia a cerveja.

— Comam-se para aí à vontade — disse o Anders, antes de arrotar de forma audível. Como se o arrotado fosse uma pergunta à qual esperasse que respondêssemos.

O comentário pareceu desencadear algo no Kenny, que enfiou a mão dentro do meu casaco, apalpando-me e apertando o meu seio com força.

Reposicionei-me para o deixar mais à vontade e passei a língua pelos seus dentes superiores afiados.

O Anders levantou-se. Afastei o Kenny devagar e perguntei:

— O que foi?

— Ouvi qualquer coisa. Parecia... sim, parecia alguém a chorar ou a choramingar.

O Anders emitiu um som lamentoso, e depois riu-se tanto que cuspiu a cerveja.

— Não bates bem — disse-lhe. — Vou fazer chichi. Podem ficar aqui à procura de fantasmas.

Levantei-me, contornei o moledro, seguindo as pedras durante alguns metros. Virei-me para ter a certeza de que nem o Kenny nem o Anders me viam, desapertei as calças e agachei-me.

Senti algo, talvez musgo ou uma planta, a fazer-me cócegas na coxa enquanto urinava. Senti frio nas pernas e debaixo do casaco. Estremeci.

Mas que bela ideia, esta de irmos para aqui beber cerveja. Uma inspiração! Porque não disse nada quando o Kenny sugeriu tal coisa?

Porque é que nunca digo nada quando o Kenny sugere qualquer coisa?

A escuridão era densa, por isso tirei um isqueiro do bolso do casaco. Fiz girar a rodinha com o polegar e aponte a chama para o chão: folhas de outono castanhas, musgo aveludado e aquelas grandes pedras cinzentas. Numa fenda entre duas pedras próximas, avistei algo branco que parecia o chapéu de um grande cogumelo.

O Kenny e o Anders continuavam a falar do fantasma num tom de voz animado e arrastado. As palavras saíam-lhes em cata-dupa, por vezes entrecortadas pelo riso.

Talvez fosse por curiosidade ou por falta de interesse em voltar para junto dos rapazes, mas senti uma súbita vontade de examinar o cogumelo mais de perto.

Que tipo de cogumelo seria, naquela época do ano, ali no meio do bosque?

Naquela zona ainda só tinha apanhado cantarelos.

Aproximei o isqueiro da fenda entre as pedras e a luz fraca revelou lentamente o objeto. Afastei algumas folhas e arranquei um pequeno feto pela raiz.

Sim, havia ali qualquer coisa. Algo que...

Ainda agachada e com as calças nos tornozelos, estiquei a minha mão livre e toquei ao de leve naquela superfície lisa e branca. Era dura, como pedra ou porcelana. Talvez uma taça velha? Um cogumelo não era, certamente.

Estiquei-me um pouco mais e afastei a pedra que estava em cima da taça. A pedra era mais pequena do que as outras e não muito pesada, mas ainda caiu com um baque no musgo ao meu lado.

E ali estava a taça, ou o que quer que fosse. Era do tamanho de uma toranja, rachada de um lado, com uma espécie de musgo fibroso castanho a sair lá de dentro.

Estiquei a mão e senti aqueles fios finos e escuros. Esfreguei-os entre o polegar e o indicador por instantes antes de o meu cérebro juntar as peças do puzzle e de eu perceber finalmente do que se tratava.

Deixei cair o isqueiro, levantei-me, dei uns passos cambaleantes no escuro e comecei a gritar. Um grito que me saiu das entranhas e parecia não ter fim. Como se o terror estivesse a expelir cada átomo de oxigénio do meu corpo através dos pulmões.

Quando o Kenny e o Anders foram em meu socorro, ainda tinha as calças para baixo e os meus pulmões renovaram o grito.

A taça, afinal, não era uma taça. O musgo não era musgo. Era um crânio com cabelo escuro e comprido.

ORMBERG

Oito anos depois

2017

Jake

Chamo-me Jake, em homenagem ao Jake Gyllenhaal, um dos melhores atores do mundo. A ideia é dizerem o meu nome em inglês, mas a maioria dos meus colegas diz mal de propósito. Chamam-me *Yake* ou pior ainda, *Yakuh*, exagerando na pronúncia sueca. Isso faz-me desejar ter outro nome, mas não há muito que possa fazer. Sou quem sou. E o meu nome é o meu nome. A minha mãe queria mesmo que me chamassem Jake, e o meu pai fez-lhe a vontade, provavelmente porque a amava acima de todas as coisas.

Mesmo agora que a minha mãe já partiu, é como se estivesse connosco. Às vezes, o meu pai ainda põe o lugar dela à mesa, e quando lhe faço uma pergunta, ele demora muito tempo a responder, como se estivesse a pensar em qual seria a resposta da minha mãe. E só depois vem a resposta dele: «É claro que te empresto 100 coroas» ou «Sim, podes ir ao cinema, mas quero-te em casa às sete.»

O pai quase nunca me recusa nada, embora tenha ficado um pouco mais restritivo desde que TrikåKungen, a antiga fábrica têxtil, foi transformada em alojamento para refugiados.

Gosto de pensar que é por ser afetuoso, mas a Melinda, a minha irmã mais velha, diz que é porque ele está demasiado cansado para dizer não. Por norma, acompanha estas palavras

com um olhar pleno de significado para as latas de cerveja vazias espalhadas no chão da cozinha, seguido de um sorriso escarninho e de uma baforada de fumo em forma de anel expelida lentamente em direção ao teto.

Acho que a Melinda está a ser ingrata. Afinal de contas, até pode fumar dentro de casa. A mãe nunca o teria permitido, mas em vez de se mostrar agradecida, diz este tipo de coisas. É ingrato, injusto e, acima de tudo, indelicado da parte dela.

Quando a nossa avó ainda era viva, costumava dizer que o genro não devia muito à inteligência, mas que pelo menos vivíamos na casa mais bonita de Ormberg, o que já não era mau. Acho que pensava que eu não percebia o que ela queria dizer com isso, mas percebia. Fosse como fosse, não havia mal nenhum em ser burro como uma porta, desde que a nossa casa fosse a mais bonita.

A casa mais bonita de Ormberg fica a 500 metros da autoestrada e dá diretamente para o bosque, perto de um riacho que corre para Vingåker. Há dois motivos para a casa ser tão bonita: primeiro, o meu pai é carpinteiro, e segundo, raramente tem trabalho. É uma sorte, porque significa que está quase sempre de volta da casa.

Por exemplo, o meu pai construiu um deque enorme à volta da casa. É tão grande que dá para jogar basquetebol ou andar de bicicleta. Se apanhássemos balanço e não houvesse uma vedação, podíamos saltar diretamente para o riacho pelo lado mais próximo. Não que alguém quisesse fazer tal coisa — a água é gelada, mesmo em pleno verão, e o leito do riacho está cheio de lama, algas e vermes viscosos e nojentos. Por vezes, no verão, eu e a Melinda enchemos um colchão de ar velho e flutuamos pelo riacho até à antiga serração. As árvores pendem sobre a água, criando um teto verde rendilhado, como as toalhas de mesa que a avó costumava fazer em croché. Quando estamos no riacho, só ouvimos os pássaros, o guincho de borracha do colchão de ar e o som da pequena cascata que cai para um lago perto da antiga fundição.

Quando o meu avô, que nunca conheci, era novo, trabalhava na fundição, mas esta fechou muito antes de o meu pai nascer.

O edifício em ruínas foi incendiado por *skinheads* de Katrineholm quando o meu pai tinha a minha idade — 14 anos —, mas as ruínas incineradas lá permanecem. Ao longe, assemelham-se a presas que se erguem por entre os arbustos.

O pai diz que, naquela altura, todos tinham emprego em Ormberg: numa quinta, na fundição, na Brogrens Mechanical ou na TrikáKungen. Agora, só os agricultores têm trabalho. Todas as fábricas fecharam, e os empregos foram transferidos para a China. A Brogrens Mechanical permanece silenciosa e abandonada, um esqueleto de chapa ondulada que se ergue em terreno plano, e o edifício em tijolo da fábrica têxtil de TrikáKungen, semelhante a um castelo, foi transformado em alojamento para refugiados.

Eu e a Melinda não temos autorização para ir até lá, mesmo que, por norma, o pai nos deixe fazer o que quisermos. Nem parece pensar no que a mãe nos diria, porque a resposta é imediata quando perguntamos se podemos ir. Diz que é para nossa segurança. Não sei do que tem medo, contudo a Melinda revira sempre os olhos quando ele fala nisso, o que o deixa irritado, e eles começam a falar de califados, burcas e violações.

Sei o que são burcas e violações, mas desconheço a palavra «califados», por isso tomei nota para procurar no *Google* mais tarde. Costumo fazer isso quando não conheço o significado de uma palavra. Gosto de palavras, sobretudo das difíceis.

Gosto de as colecionar.

É outro segredo que não posso contar a ninguém. Apanhamos uma sova em Ormberg por tudo e por nada, como ouvir a música errada ou ler livros. E algumas pessoas — como eu, por exemplo — levam mais tarefas do que os outros.

Saio para o deque, debruço-me sobre o corrimão e observo o riacho. As nuvens carregadas dissiparam-se, deixando à vista uma nesga de céu azul e um sol cor de laranja forte por cima da linha do horizonte. A geada, que faz com que o deque de madeira

pareça ter pelos, brilha sob os últimos raios de Sol, e o riacho corre escuro e lento.

O riacho nunca congela porque está sempre em movimento. Seria possível nadar nele durante todo o inverno, mas é claro que ninguém o faz.

Os galhos que caíram ontem à noite durante a tempestade estão a atravancar o deque.

Devia estar a apanhá-los e a juntá-los ao monte da compostagem, mas estou hipnotizado pelo Sol, que parece uma laranja pendurada na orla das nuvens.

— Jake, anda para dentro, caramba! — grita o pai, da sala de estar. — Vais congelar aí fora.

Afasto-me do corrimão, olho para as impressões perfeitamente delineadas deixadas pelas minhas mãos e volto para dentro.

— Fecha a porta — diz ele da cadeira de massagem, diante do enorme ecrã da televisão. O pai baixa o volume com o comando e olha para mim. Vejo uma ruga formar-se entre as suas sobrancelhas grossas. Passa uma mão pintalgada pela cabeça careca. Em seguida, desce a mão de forma alheada para o painel de controlo da cadeira de massagem, que já não funciona. — O que estavas a fazer lá fora?

— Estava a olhar para o riacho.

— Estavas a olhar para o riacho? — A ruga entre as sobrancelhas do pai acentua-se, como se eu tivesse dito palavras difíceis que ele desconhece, mas depois é como se perdesse o interesse. — Vou dar um salto ao Olle — diz, enquanto desabotoa o botão de cima das calças para dar espaço à barriga. — A Melinda fez comida. Está no frigorífico. Não esperes por mim.

— Está bem.

— Ela prometeu que estava em casa às 22 horas.

Aceno e encaminho-me para a cozinha, pego numa *Coca-Cola*, e vou para o meu quarto com um friozinho na barriga. Tenho pelo menos duas horas só para mim.

* * *

Está escuro quando o meu pai sai de casa. A porta bate com tanta força que os vidros estremeçam e, pouco depois, ouço o carro a arrancar. Espero uns minutos para ter a certeza de que ele não volta, e entro no quarto dos meus pais.

A cama de casal está por fazer do lado do meu pai. Do lado da minha mãe, o cobertor está cuidadosamente esticado sobre a cama e as almofadas estão perfeitamente ajeitadas contra a parede. O livro que ela estava a ler antes de morrer ainda está na mesa de cabeceira, aquele sobre a rapariga que se mete com um tipo rico chamado Grey. Ele é sádico e não conhece o amor, mas a rapariga ama-o mesmo assim, porque as raparigas gostam de ser magoadas. Pelo menos, é o que diz o Vincent. Custa-me a acreditar. Quem gosta de ser chicoteado? Eu não. Acho que a rapariga gosta é do dinheiro do Grey, porque toda a gente gosta de dinheiro e a maioria das pessoas faria qualquer coisa para enriquecer.

Como receber uma chicotada ocasional ou fazer sexo oral a um sádico nojento, por exemplo.

Aproximo-me do armário da mãe e abro a porta espelhada. Está perra e tenho de lhe dar um empurrão para que deslize totalmente. Passo as mãos pelas roupas: sedas elegantes, vestidos de lantejoulas, veludo macio, calças de ganga justas e algodão enrugado por engomar.

Fecho os olhos e engulo em seco.

É tudo tão bonito, tão perfeito. Se fosse rico, tão rico como o tal Grey, mandava fazer um *closet* ou lá como se chama. Enchia-o com malas para todas as ocasiões e estações, pendurava-as em ganchos especiais, e os meus sapatos ficavam alinhados nas suas próprias prateleiras com iluminação especial.

É claro que sei que isso é impossível. Não só porque é muito caro, mas porque sou um homem. É totalmente absurdo ter um armário cheio de roupas de mulher. Se tivesse, provaria de uma vez por todas que sou uma aberração. Que sou pior do que esse tarado do Grey. Porque não faz mal bater nas mulheres e amarrá-las, mas faz mal vestir-me como uma.

Pelo menos, em Ormberg.

Tiro o vestido de lantejoulas douradas, aquele com alças fininhas e forro escorregadio. A mãe costumava usá-lo na véspera de Ano Novo ou quando ia de cruzeiro para a Finlândia com as amigas.

Seguro-o à minha frente e dou uns passos atrás para me ver ao espelho. Sou magro e o meu cabelo castanho parece uma coroa que encima o meu rosto pálido. Disponho com cuidado o vestido em cima da cama e avanço para a cómoda. Abro a gaveta de cima e escolho um *soutien* preto com renda. De seguida, tiro as calças e a camisola com capuz e visto-o.

É claro que me fica a nadar. Não tenho nada para o preencher, apenas um tronco branco com mamilos minúsculos e estúpidos. Olho para as copas, murchas. Enfio uma meia enrolada em cada uma e passo o vestido pela cabeça. Como sempre, quando experimento o vestido de lantejoulas, fico impressionado com o peso — sinto-o pesado e frio contra a pele.

Observo a minha imagem ao espelho e, de repente, sinto-me desconfortável. Preferia usar as roupas de outra pessoa que não a minha mãe, mas é claro que não tenho roupas de mulher e a Melinda só usa calças de ganga e tops. Ela nunca usaria algo tão bonito.

Escolho uns sapatos que combinem com o vestido. Talvez os pretos com brilhantes cor-de-rosa? Ou as sandálias com tiras azuis e vermelhas? Escolho os pretos — são quase sempre a minha escolha porque adoro os brilhantes cor-de-rosa. Fazem lembrar joias caras, como aquelas que as raparigas usam nos vídeos do *YouTube* que a Melinda está sempre a ver.

Dou um passo atrás e examino a minha imagem. Se o meu cabelo fosse um pouco mais comprido, sem dúvida que passaria por rapariga. Talvez possa deixá-lo crescer um pouco, pelo menos o suficiente para poder apanhá-lo em cima.

É uma ideia excitante.

Quando entro no quarto da Melinda, deixo marcas na alcatifa grossa. O meu pai alcatifou todas as divisões exceto a cozinha,

porque é agradável de pisar. Adoro sentir a suavidade sob os saltos altos. É quase como se estivesse a andar na relva, como se estivesse no exterior.

A mala de maquilhagem da Melinda é enorme e desarrumada. Espreito o relógio e decido que tenho tempo. Desenho linhas pretas grossas à volta dos olhos como a Adele e pinto os lábios com batom cor de vinho. Sinto um frémito quando me vejo ao espelho.

Sou mesmo bonito.

Sou o Jake, mas não sou, porque sou mais bonito, mais perfeito e mais igual a mim mesmo do que nunca.

No corredor, visto uma das camisolas da Melinda. Está um gelo na rua e, mesmo que quisesse, não podia sair só com o vestido. A lã preta pica e os botões já caíram, por isso não consigo abotoá-la. Sinto frio nas pernas quando fecho a porta da rua, ponho a chave debaixo do vaso rachado e sigo para a estrada. O cascalho range sob o meu peso, e tenho de me concentrar para manter o equilíbrio com os saltos altos.

A noite é escura e incolor e cheira a terra molhada.

Uma ligeira mistura de neve e chuva começou a cair. O vestido fala quando caminho, numa espécie de sussurro. As árvores estão silenciosas. Pergunto-me se me veem e, se sim, o que pensam. Acho que os abetos não se oporiam à minha escolha. São apenas árvores.

Avanço por um carreiro.

Há uma estrada de terra batida a cerca de 100 metros. Posso caminhar até lá, mas mais do que isso não, porque alguém me pode ver e isso seria a pior coisa que poderia acontecer. Pior do que a morte.

Adoro andar sozinho pela floresta. Sobretudo com a roupa da minha mãe. Costumo fingir que estou a passear por Katrineholm, a caminho de um bar ou restaurante.

Quando estou a poucos metros da estrada, paro. Fecho os olhos e tento aproveitar ao máximo, porque em breve terei de voltar para casa. Para a casa mais bonita de Ormberg. Para a televisão

de ecrã plano, para a cadeira de massagem e para o meu quarto com todos os cartazes de cinema. Para o frigorífico cheio de *fast food* e para uma máquina de gelo que só funciona se lhe dermos umas pancadas.

Para o Jake, que não tem vestido, *soutien* ou saltos altos.

As gotas de chuva caem-me na cabeça, descem pelo pescoço e por entre as omoplatas.

Encolho-me, mas não está assim tanto frio. Não tanto como ontem, quando o vento soprava com uma intensidade tal que cheguei a pensar que arrancava o telhado.

Ouço um baque. Talvez seja um veado, há muitos por aqui. Uma vez, o meu pai chegou a casa com um veado inteiro que o Olle tinha matado, e pendurou-o de pernas para o ar na garagem durante alguns dias, antes de o esfolar e esquartejar.

Mais sons.

Um galho que estala e depois outra coisa — um gemido abafado, talvez um animal ferido. Paraliso e perscruto a escuridão.

Há algo que se move por entre as árvores, rastejando pela vegetação rasteira na minha direção.

Um lobo?

A ideia assusta-me, mas sei que não há lobos na região. Só alces, veados, raposas e lebres. Os animais mais perigosos de Ormberg são os seres humanos. É o que diz o meu pai.

Viro-me para voltar a correr para casa, mas um salto alto prende-se na terra e caio para trás. Uma pedra afiada crava-se na palma da minha mão e sinto uma dor lancinante no fundo das costas.

Pouco depois, uma mulher rasteja para fora do bosque.

É velha. O cabelo cai-lhe em fiapos molhados sobre o rosto, e a sua blusa fina e calças de ganga estão encharcadas e rasgadas. Não tem casaco nem sapatos, e os seus braços estão cheios de sangue e terra.

— Ajuda-me — diz ela numa voz tão fraca que mal consigo perceber as palavras.

Arrasto-me para trás e tento fugir dela, com o pavor a consumir-me. Parece uma bruxa, um assassino tresloucado saído de um dos filmes de terror que vejo com a Saga.

A chuva cai em pingas mais grossas e já formou uma grande poça à minha volta. Levanto-me, descalço os sapatos e seguro-os na mão.

— Ajuda-me — murmura a mulher novamente, tentando pôr-se de pé.

Percebo que não é uma bruxa, mas pode ser louca. E perigosa. No ano passado, a polícia prendeu um doente mental em Ormberg. Tinha fugido do Karsudden, o hospital em Katrineholm, e escondeu-se durante quase um mês numa casa de verão vazia.

— Quem é você? — pergunto, ainda a recuar, afundando os pés no musgo molhado.

A mulher para. Parece surpreendida, como se não soubesse responder à pergunta. Depois olha para os braços, afasta um galho, e vejo que tem algo na mão, um livro ou talvez um caderno.

— Chamo-me Hanne — diz, passados alguns segundos. — A sua voz parece mais firme, e quando os seus olhos se cruzam com os meus, tenta esboçar um sorriso. E prossegue: — Não tenhas medo. Não te vou fazer mal.

A chuva fustiga-me o rosto enquanto olho para ela.

Agora, parece-me diferente. Não tanto uma bruxa, mas mais a tia de alguém. Uma velha inofensiva que rasgou a roupa ao cair no bosque. Talvez se tenha perdido e não consiga encontrar o caminho para casa.

— O que aconteceu? — pergunto.

Ela olha para as roupas rasgadas e depois para cima, para mim. Percebo o desespero e o horror nos seus olhos.

— Não me lembro — murmura.

Nesse preciso momento, ouço um carro a aproximar-se ao longe. A velha também parece ouvi-lo, porque dá alguns passos para a autoestrada e acena com os braços. Sigo-a até à beira da estrada e olho para a escuridão em direção ao veículo que

se aproxima. À luz dos faróis, consigo ver os pés descalços da Hanne, cobertos de sangue, como se os tivesse arranhado em galhos e pedras afiados.

E vejo outra coisa: vejo as lantejoulas do meu vestido a refulgirem como estrelas num céu noturno sem nuvens.

Não sei quem está naquele carro — pode ser um vizinho, o irmão mais velho de um amigo ou o velho louco que mora do outro lado da igreja —, mas a probabilidade de ser alguém que conheço é muito elevada.

Sinto o terror a tomar conta do meu corpo, um nó no estômago e um aperto no coração.

Só há uma coisa pior do que bruxas, doentes mentais e assassinos loucos: ser apanhado. Se as gentes de Ormberg me virem assim, mais vale matarem-me já.

Volto para o bosque e agacho-me atrás de uns arbustos. O condutor deve ter-me visto, mas espero que não me tenha reconhecido. Está escuro, a chuva é agora mais intensa e estou mais ou menos mascarado.

O carro para e o vidro desliza para baixo com um zumbido. A música invade a noite. Ouço a velha a falar com a mulher que está ao volante, mas não a reconheço nem ao carro. Pouco depois, a velha abre a porta de trás e entra. O carro desaparece na noite.

Levanto-me e percorro o carreiro, que desliza pelo bosque como uma cobra escura e brilhante. Só se ouve o som da chuva.

A velha que se chamava Hanne desapareceu, mas deixou algo no chão: um caderno castanho.

Malin

Encolho-me para fazer frente ao vento no parque de estacionamento, os meus olhos fixos no alcatrão brilhante, a minha mente a cismar na pergunta que a minha mãe me fez antes de eu receber a chamada.

Porque decidiste ser polícia, Malin?

Quando me fazem essa pergunta, costumo rir-me e revirar os olhos. Faço uma piada e digo que não é pelo dinheiro, pelo carro ou pelos horários. Por outras palavras: desconverso. Não quero pensar na pergunta a sério, analisar os meus motivos ou eu mesma. Se tentasse explicar, diria que em parte é porque gosto de ajudar as pessoas, porque lá bem no fundo acredito que posso fazer a diferença. Além disso, sempre tive a necessidade de criar ordem, de pôr as coisas no seu lugar. É aquela sensação que temos quando limpamos a casa ou arrancamos as ervas daninhas do jardim.

Ademais, ter estudado na Academia de Polícia, em Sörentorp, a norte de Estocolmo, foi uma maneira fácil de escapar. Uma forma de sair de Ormberg e uma excelente desculpa para não ter de vir a casa aos fins de semana.

E o esqueleto que eu, o Kenny e o Anders encontrámos no bosque há oito anos, será que teve algo que ver com o meu percurso profissional?

Não sei.

Na altura, era emocionante estar no centro de uma investigação criminal de grande visibilidade. Mesmo que a vítima, uma menina, nunca tenha sido identificada. E que o agressor nunca tenha sido apanhado.

Nunca me ocorreu que um dia pudesse trabalhar nesse caso.

Uma forte rajada de vento faz voar um saco de plástico vazio e algumas folhas na direção do hospital, um edifício térreo de fachada em tijolo. Alguém sai da zona da receção, vira-se de costas para o vento e acende um cigarro.

O Manfred Olsson, o meu colega temporário, ligou-me há menos de uma hora.

Lembro-me da cara de espanto da minha mãe quando recebi a chamada. O seu olhar a alternar entre mim e o relógio, e depois a consciencialização de que algo de grave se tinha passado e de que eu teria de sair. Mesmo que fosse o último domingo do Advento e ela tivesse um assado no forno.

O Manfred estava sem fôlego quando atendi o telefone, como se tivesse corrido os três quilómetros da pista perto da igreja. Mas a verdade é que o apanho muitas vezes sem fôlego, provavelmente devido aos 50 quilos a mais. Não estava minimamente preparada para o que ele me disse: a Hanne Lagerlind-Schön tinha sido encontrada na floresta, sozinha, hipotérmica e confusa. Perguntou-me se eu podia ir ao hospital com ele para falarmos com a Hanne.

Parece que a polícia local demorou quase um dia a associá-la a nós e a contactar o Manfred. Creio que não é algo assim tão estranho — não há esquadra de polícia em Ormberg. A mais próxima fica em Vingåker, e não falamos muito com eles. Além disso, a Hanne não se lembrava do que estava a fazer na floresta ou de alguma vez ter estado em Ormberg.

De todas as pessoas com quem trabalhei, a Hanne é a última a quem esperaria que acontecesse uma coisa destas. É uma psicóloga comportamental gentil, reservada e patologicamente precisa,

na casa dos 60, e mora em Estocolmo. Nunca chega atrasada a uma reunião e está sempre a tomar notas num caderno castanho.

Como é isso possível? Como é que ela se esqueceu de onde estava e de quem são os seus colegas?

E onde está o Peter Lindgren? Nunca dá dois passos sem ela.

A Hanne e o Peter são duas das cinco pessoas que estão a investigar o homicídio da menina do moledro. Desde a chegada do novo comissário da polícia nacional que houve uma série de novas iniciativas: vamos apertar com o vandalismo. A nossa taxa de resolução de casos tem de aumentar. Equipas especiais irão concentrar-se na violência de gangues em áreas vulneráveis. E foi criada uma equipa para rever casos arquivados relacionados com violência mortal. A prescrição dos casos de homicídio foi abolida em 2010, e agora há imensos homicídios por resolver em todo o país.

O homicídio da menina em Ormberg é um desses casos arquivados que foram desenterrados para serem revistos. Estamos a trabalhar nele há pouco mais de uma semana. A Hanne e o Peter estão aqui a mando do DON, o Departamento de Operações Nacionais. Se bem entendi, são também um casal — um casal estranho, já que a Hanne deve ser pelo menos dez anos mais velha do que o Peter. O Manfred também trabalha para o DON. É colega do Peter há muito tempo. Além deles, o Andreas Borg também faz parte do nosso grupo — um agente da polícia na casa dos 30 que costuma estar destacado em Örebro.

E eu.

Colaborar na investigação do homicídio da menina no moledro parecia, no mínimo, imprevisível — não só porque fui eu quem a encontrou naquela noite de outono, há oito anos, mas também porque trabalho na esquadra de Katrineholm desde que me formei na academia. Porém, há uma lógica nisto tudo: fui enviada para Ormberg porque foi aqui que cresci. É expectável que contribua com o meu conhecimento local. Creio que sou a única polícia de Södermanland que cresceu em Ormberg.

O facto de ter descoberto o corpo nem sequer foi um fator que os meus superiores tiveram em conta ao tomarem a decisão. Queriam alguém no local que conhecesse as aparentemente intermináveis florestas da região e que pudesse falar com os idosos que nelas moram.

Foi bem pensado.

Ornberg não é propriamente acolhedora para quem vem de fora, e eu conheço esta aldeia como a palma da minha mão. Conheço todos os seus habitantes. Os poucos que restam. A maioria das pessoas mudou-se após o encerramento da fábrica de TrikåKungen e da Brogrens Mechanical. Restam as pessoas com casas de verão, os idosos e os desempregados.

E os refugiados, claro.

Quem terá tido a brilhante ideia de transferir centenas de refugiados para uma aldeia despovoada em Södermanland? E não é a primeira vez. Quando os refugiados dos Balcãs chegaram no início dos anos 90, o antigo edifício da TrikåKungen também serviu como campo de acolhimento.

O grande SUV alemão do Manfred entra no parque de estacionamento e eu vou ter com ele.

Estaciona o carro, e a sua figura sólida e corcunda vem na minha direção. O vento sopra-lhe o cabelo louro-avermelhado para o alto e para trás, formando uma auréola à volta da cabeça.

Está vestido de forma elegante, como sempre, com um casaco caro e um cachecol vermelho de malha fina e ligeiramente enrugada. Enrolou-o ao pescoço com um desleixo pensado. Tem uma pasta de couro debaixo do braço esquerdo, e os seus passos são apressados.

— Olá — cumprimento em passo de corrida para o acompanhar. Ele acena de forma contida quando entramos no hospital.

— O Andreas também vem?

— Não — responde o Manfred, passando a mão pelo cabelo para tentar obrigá-lo a voltar ao lugar. — Parece que está em casa da mãe, em Örebro. Informamo-lo amanhã.

— E o Peter, soubeste de alguma coisa?

Ele demora algum tempo a responder.

— Não. O telefone parece estar desligado. E a Hanne não se lembra de nada. Já fiz uma denúncia de pessoa desaparecida. A polícia e os militares vão começar a vasculhar a floresta amanhã de manhã.

Não sei se o Peter e o Manfred são chegados, mas dá para ver que trabalham juntos há anos. Parecem estar de acordo em quase tudo e comunicam através de poucas palavras.

Um olhar ou um aceno curto parece ser suficiente.

O Manfred deve estar preocupado.

Ninguém tem notícias do Peter desde sexta-feira, quando ele e a Hanne saíram do nosso gabinete temporário em Ormberg, às 16h30.

Tanto quanto sabemos, sou a última pessoa que os viu.

Quando saíram, pareciam mais animados do que o habitual, como se fossem sair e divertir-se. Perguntei para onde iam, e eles disseram que estavam a pensar em ir jantar a Katrineholm, que estavam fartos de comida a saber a cartão. Depois disso, nenhum de nós teve notícias da Hanne ou do Peter, o que ninguém estranhou, visto ser fim de semana e termos decidido tirar uns dias de folga.

Entramos, dirigimo-nos à receção e somos encaminhados para o quarto dela. O reflexo das luzes no linóleo do corredor indica-nos o caminho. O Manfred parece cansado. Tem os olhos raiados de sangue e os lábios pálidos e gretados. A verdade é que ele tem quase sempre um ar cansado. Presumo que a combinação do trabalho stressante com as exigências de ter sido pai aos 50 anos consiga ser extenuante.

A Hanne está sentada na beira da cama quando entramos. Veste uma bata hospitalar e tem um cobertor cor de laranja pelos ombros, como uma capa. O cabelo cai-lhe sobre os ombros em fiapos molhados, como se tivesse tomado banho. Tem as mãos

cheias de pequenos arranhões e os pés enfaixados. Ao seu lado está um suporte para soro com um saco ligado a uma das suas mãos. Os olhos estão vidrados, o rosto, sem expressão.

O Manfred vai ter com ela e dá-lhe um abraço desajeitado.

— Manfred — murmura ela numa voz roufenha.

Em seguida, olha para mim e inclina um pouco a cabeça. Não me reconhece.

Demoro alguns segundos a ter noção disso, apesar de trabalharmos juntas há mais de uma semana, e sinto um arrepio.

— Olá, Hanne — digo, tocando-lhe no braço suavemente, com um súbito receio de que o meu toque a rasgue como uma boneca de papel. Tem um ar tão frágil. — Sou eu, a Malin. Trabalhamos juntas — insisto, tentando que a minha voz não vacile. — Reconheces-me?

A Hanne pestaneja várias vezes e lança-me um olhar lacrimante e raiado de sangue.

— Sim, claro — diz ela, mas tenho a certeza de que está a mentir, pois noto a sua expressão de concentração atormentada, como se tentasse resolver uma equação difícil.

Pego num banco e sento-me à frente dela. O Manfred afunda-se na cama e põe o braço à volta dos seus ombros estreitos.

A Hanne parece minúscula e muito magra ao lado dele, quase como uma criança. O Manfred pigarreia.

— Lembras-te do que aconteceu na floresta, Hanne?

O rosto da Hanne desmancha-se. Enruga a testa e abana a cabeça lentamente.

— Não me lembro — diz ela, enterrando a cara nas mãos. Por instantes, parece envergonhada, como se quisesse esquecer toda aquela situação. O Manfred olha para mim.

— Não faz mal — assegura, abraçando-a, e depois continua com uma voz firme. — Ontem à noite, foste encontrada no bosque, a sul da montanha Orm.

A Hanne acena, endireita as costas e põe as mãos sobre os joelhos.

— Lembras-te disso? — pergunto.

Ela abana a cabeça e coça alheadamente o adesivo que mantém a agulha no sítio. Tem as unhas rachadas e negras.

— Foste encontrada por uma rapariga que passava de carro na floresta — informa o Manfred. — E parece que estavas com outra rapariga. Vestia um casaco e um vestido brilhante. Lembras-te?

— Não, desculpa. Sinto muito, mas...

A voz falha e as lágrimas começam a correr-lhe pela cara.

— Não faz mal — repete o Manfred. — Está tudo bem, Hanne. Vamos descobrir o que aconteceu. Lembras-te se o Peter estava contigo na floresta?

A Hanne volta a enterrar a cara nas mãos.

— Não. Desculpa!

O Manfred parece angustiado. Lança-me um olhar suplicante.

— Qual é a última coisa de que te lembras? — tento.

Ainda penso que não vai responder. Os seus ombros sobem e descem aos sacões e cada respiração parece requerer um esforço enorme.

— Ilulissat — diz ela, com a cara ainda escondida nas mãos.

O Manfred olha para mim e murmura em surdina:

— Gronelândia.

A Hanne e o Peter chegaram diretamente da Gronelândia para participar na investigação. Tinham feito uma viagem de sonho de dois meses depois de solucionarem um homicídio muito complicado.

— Certo — digo. — E depois vieste para Ormberg para investigar o caso do esqueleto no moledro. Lembras-te disso?

A Hanne treme e soluça.

— Lembras-te de alguma coisa de Ormberg? — pergunta o Manfred baixinho.

— Nada — admite ela. — Não me lembro de nada.

O Manfred pega na sua mão delgada e parece ponderar. Em seguida, endireita-se, vira a palma da mão para cima e olha atentamente para ela.

De início, não percebo o que está a fazer, mas depois vejo que alguém escreveu qualquer coisa na mão da Hanne. Números escritos a tinta, perfurados por pequenas feridas, visíveis na sua pele pálida. Descortino um «363», mas o resto do texto torna-se desfocado e impossível de decifrar, como se tivesse sido lavado juntamente com a sujidade da floresta.

— O que é isto? — pergunta o Manfred. — O que significam estes números?

A Hanne olha para a mão sem perceber, como se nunca tivesse visto aquilo antes. Como se fosse um animal selvagem que tivesse entrado à socapa no hospital e se sentasse no seu joelho.

— Não sei — responde. — Não faço ideia.

Estamos sentados no refeitório com uma médica chamada Maja, que parece ser da minha idade. Os seus longos cabelos louros caem em caracóis suaves sobre a bata branca. Lembra-me o tipo de mulher que eu queria ser quando era mais nova: pequena, curvilínea e meiga — tudo o que nunca fui. Usa calças de ganga e uma t-shirt cor-de-rosa que espreita por baixo da bata. Preso ao peito tem um crachá azul com a palavra «Médica» e traz alguns lápis no bolso.

A divisão não é grande. Tem dois frigoríficos, uma máquina de lavar louça e uma mesa redonda com quatro cadeiras de bétula. Ao centro da mesa está uma poinsetia num vaso de plástico, com um postal de agradecimento escrito numa caligrafia instável preso entre as folhas.

Entram duas enfermeiras que tiram qualquer coisa de um dos frigoríficos e depois voltam para o corredor sem dizer uma palavra.

— Quando chegou aqui, ela sofria de hipotermia extrema e desidratação — diz a Maja, despejando um pouco de leite no café. — Quando foi encontrada, usava apenas uma blusa fina e umas calças, mesmo estando um frio de rachar.

— Sem casaco? — pergunta o Manfred.

A Maja assente com a cabeça.

— Sem casaco e sem sapatos.

— A Hanne contou-lhe alguma coisa do que tinha acontecido?
— pergunto.

A Maja apanha os longos cabelos num rabo-de-cavalo. Os seus lábios perfeitos contraem-se. Suspira e abana a cabeça.

— Não se lembrava de nada. Ela sofre de amnésia anterógrada. Ocorre quando não conseguimos formar novas memórias após um determinado momento no tempo. Pensámos que ela podia ter sofrido um traumatismo craniano. Mas não há provas disso. Não tem danos externos e a radiografia à cabeça não revelou hemorragia ou inchaço. Mas pode ter-nos escapado alguma coisa, claro. A radiografia tem de ser feita até seis horas após um traumatismo craniano para termos a certeza de que conseguimos detetar uma hemorragia. E não sabemos quanto tempo ela esteve na floresta.

— É possível que tenha sofrido um choque profundo a ponto de reprimir a memória? — pergunto.

A Maja encolhe ligeiramente os ombros e bebe um gole de café. Em seguida, faz um esgar e bate com a caneca na mesa.

— Desculpem! O café aqui é uma porcaria. Está a perguntar se ela pode ter sofrido um trauma psicológico tão intenso que a fez perder a memória? Talvez, mas essa não é a minha especialidade. Já avançámos com a hipótese de ela ter alguma forma subjacente de demência. Talvez se tenha tornado mais intensa tendo em conta aquilo por que ela passou. A sua memória a curto prazo está gravemente danificada, mas lembra-se claramente de tudo o que aconteceu até há um mês.

— Podemos ver a ficha clínica dela? — sugiro.

— Refere-se à ficha clínica que estaria em Estocolmo? — pergunta a Maja. — A Hanne deu-nos o seu consentimento, que é um requisito legal, mas não sabemos onde tem estado a ser seguida e ela também não se lembra. As fichas clínicas são muitas vezes guardadas pelos próprios prestadores de cuidados de saúde.

O Manfred aclara a garganta, hesitante. Cofia a barba.

— A Hanne teve alguns problemas de memória — diz em surdina.

— O quê? — estranho. — Porque não me disseste?

O Manfred contorce-se e parece constrangido.

— Não pensei que fosse muito grave. O Peter tocou no assunto, mas tive a sensação de que ela estava mais distraída, não que fosse... Bem, não que ela sofresse de demência no sentido clínico.

Cala-se e começa a mexer no relógio de pulso suíço caro. A confissão surpreende-me. Ele estava realmente a afirmar que a Hanne fora autorizada a investigar um homicídio apesar de estar doente? Que uma pessoa que sofria de demência estava a tomar decisões relativas a questões de vida ou morte?

— Ainda não sabemos o que afetou a sua memória a curto prazo — sugere a Maja de forma diplomática. — Pode ser um caso de demência subjacente ou ela pode ter sofrido algum tipo de trauma físico ou psicológico.

— O que vai ser dela agora? — pergunta o Manfred.

— Não sei ao certo. Aparentemente, os serviços sociais estão a tentar encontrar um alojamento temporário, porque as casas de repouso estão cheias. Ela não está assim tão doente que tenha de ficar no hospital. Pelo menos, é essa a minha opinião. Tem problemas de memória a curto prazo, mas nada mais.

— Acha que ela pode recuperar a memória? — pergunto. — Pode ser temporário?

A Maja esboça um sorriso triste e inclina a cabeça. Cruza as mãos pequenas em cima da mesa.

— Quem sabe? Já aconteceram coisas mais estranhas.

«Um policial excecional.»

Publishers Weekly

Saída de uma floresta gelada na Suécia, uma mulher cambaleia até à estrada. Está descalça, tem os braços cobertos de sangue e não se lembra de quem é. Sem disso ter consciência, deixa para trás o seu diário, onde anota tudo o que faz e vê.

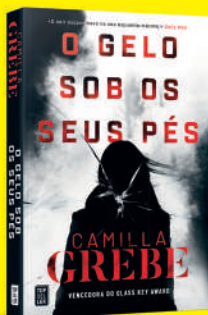
A polícia identifica-a como sendo Hanne Lagerlind-Schön, psicóloga comportamental que, com o seu colega, Peter Lindgren, estava a investigar o assassinio de uma criança.

Ninguém sabe onde está Peter, e Hanne não consegue lembrar-se do que fizeram ou daquilo que haviam conseguido descobrir. A polícia tem apenas uma pista: alguém foi avistado nas proximidades na noite em que Hanne foi encontrada...

Esse alguém encontrou o diário de Hanne e percebeu que nele se encontra a chave para o caso — só que entregar o diário significaria admitir um segredo terrível.

Reunidos por um homicídio brutal, uma psicóloga comportamental sem memória e uma testemunha que não se pode dar a conhecer tornam-se parceiros involuntários numa corrida para deter um assassino.

Da mesma
autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789896238803



9 789896 238803 >